



Ele estava preso. Eu estava lá, impotente, sem saber como ajudá-lo. Eu estava lá olhando para aquele homem idoso, meu desejo de fazer alguma pequena diferença me provocava. Mas eu tinha medo de piorar as coisas.

Eu quis me afastar por causa de minha própria incapacidade. Estava contente por ninguém poder me reconhecer, já que estava enfiada em minha calça verde limão e minha blusa rosa choque, combinando com meu cabelo cor-de-rosa. Naturalmente meus tênis também eram verde limão e combinavam com meus suspensórios.

Gladys, minha parceira, e eu estávamos vestidas como palhaços naquele dia porque tínhamos acabado de fazer um apresentação para um grupo de crianças. Gladys havia sugerido que visitássemos um asilo. Assim, sem sermos convidadas, entramos para ver se poderíamos levar um sorriso ou dois para as vidas de alguma pessoas.

Encontramos muitos idosos naquele dia, ansiosos por falar, ávidos por ter alguém a lhes escutar. Não se importaram com nosso jeito espalhafatoso e nem com nossos narizes vermelhos e enormes. Entramos num salão onde as pessoas estavam sentadas, alinhadas. Ninguém falava nada. Era como um lugar abandonado. Gladys logo encontrou uma senhora que disse que um palhaço era exatamente o tipo de pessoa com quem ela queria passar um tempo.

Foi quando eu o vi. Seu nome era Tom. Depois de um derrame cerebral tinha ficado incapaz de se alimentar ou fazer muitas coisas que todos fazemos diariamente. Tom estava agora em seu novo lar, embora eu não ache que a atmosfera desse lugar possa ser chamada de lar.

Alguém tentava alimentar Tom e limpava a comida em seu queixo porque sua boca não estava cooperando. A única maneira que Tom tinha para dizer que não queria mais era fechando a boca. A assistente saiu e Tom não se mexeu.

Como eu poderia fazer algo por ele? Estava preso a um mundo silencioso, parcialmente paralisado e eu era apenas uma palhaça sem nenhuma experiência. Eu tinha esperança de ser uma boa ouvinte mas as palavras de Tom estavam trancadas por dentro. Eu tinha talento para falar e queria saber em que assuntos Tom estaria interessado. Meu papo furado seria bem recebido ou apenas enfatizaria sua incapacidade de falar? Eu podia ter me afastado e acho que é o que eu queria. Mas, ao invés disso, me aproximei mais. Eu disse um "olá" mas sabendo que não haveria resposta.

Será que em sua mente ele me respondeu?

Uma amiga que sofrera algo parecido, disse que durante a recuperação as palavras estavam todas lá em sua cabeça, mas quando ia falar saíam como bolas de bingo caindo da gaiola. Tudo misturado e aleatório.

Me ajoelhei ao lado da cadeira de Tom, de modo que nossos olhos ficassem ao mesmo nível. Instintivamente eu estendi meu braço e coloquei minha mão sobre a dele e olhei em seus olhos. Tom retribuiu e olhou em meus olhos. Eu pude sentir o ligeiro movimento de sua mão buscando meus dedos. Assim ficamos, mudos. Ficamos de mãos dadas por um bom tempo e eu pude encontra-lo, o Tom que estava preso por dentro. Eu podia ver um homem forte naqueles olhos e eu lhe mandei uma mensagem com minha mente e meu coração, uma comunicação carregada do momento, contudo tão velha quanto o tempo, usando a comunicação do toque. Ambos apenas nos segurando, dedos entrelaçados, olhando, falando com nosso silêncio.

(Tradução de SergioBarros do texto de Ellie Braun-Haley site [Fonte para reflexão](#))